

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

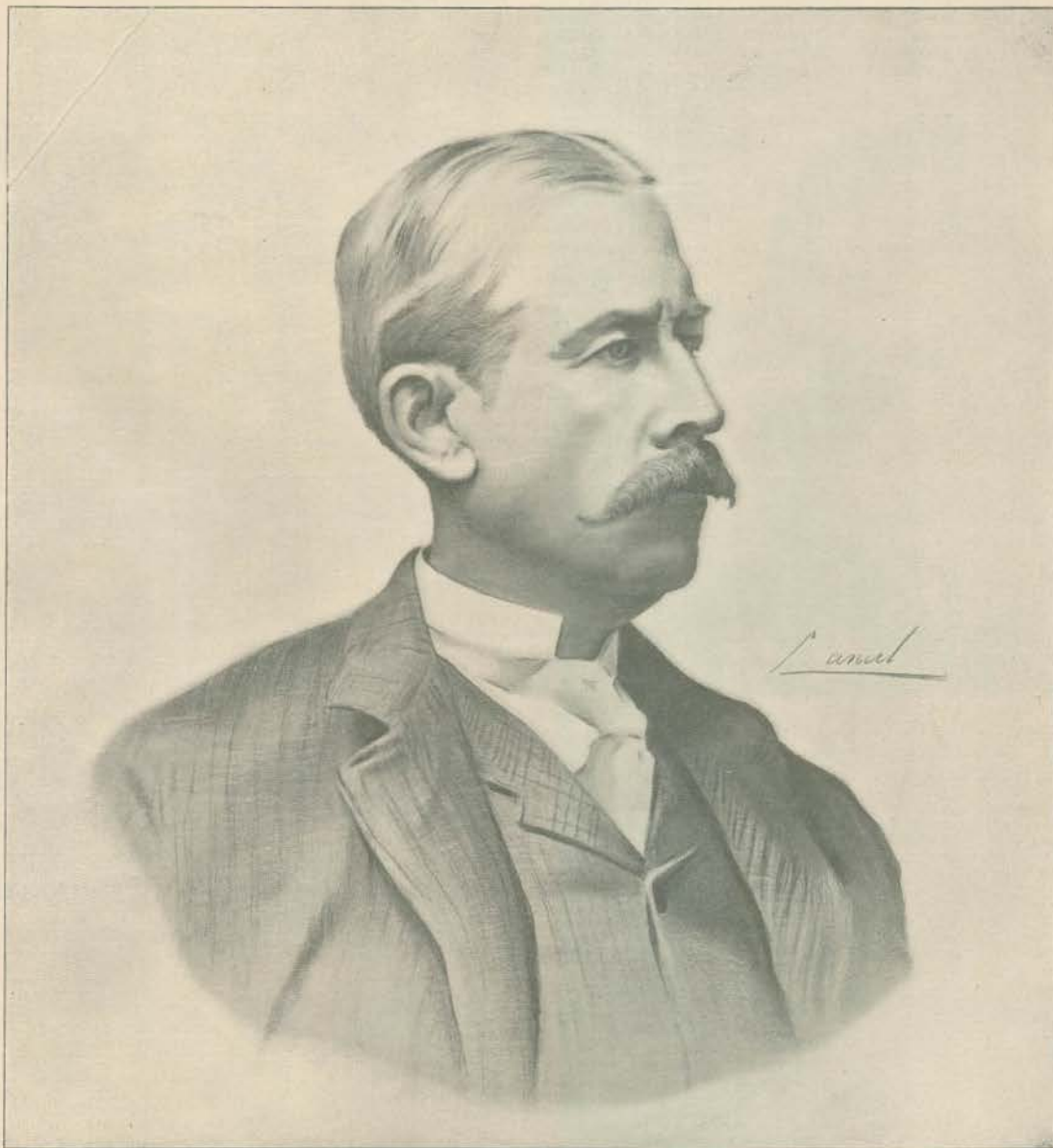
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1904

NUMERO 41



JAMES GORDON BENNETT
O DIRECTOR DO «NEW-YORK-HERALD»

Seu pai, que emigrara para a America em 1819, sahindo de New-Mell na Escocia, onde nasceu, fez jornalismo até 1855 sem que um successo verdadeiro o levantasse acima dos seus collegas d'aquella terra, quando fundou por esse tempo o *New-York Herald*, o seu unico começo a soar por todo o universo onde elle mandava os seus agentes no intuito de, por todos os meios, ter a melhor informacão do mundo. O pai morreu em 1872 e o filho tomou o seu lugar. Nasceu em 1849 e com trinta e dois annos achou-se á frente d'aquella formidavel empreza, que ainda mais desenvolveu. Em 1874, com a direcção do *Daily Telegraph*, pagou as despezas d'uma nova expedicão de Stanley á Africa equatorial, no desejo de trazer noticias sobre o Congo. Pagou tambem a expedicão no

polo artico a bordo do *Jeannette*, expedicão que teve um terrivel fim. Ajudado por um grande capitulista americano, Bennett estabeleceu o cabo submarino especial entre New-York e a Europa e tem desenvolvido notavelmente o magnifico jornal que, além das noticias da America, tem uma carta especial de Paris. Havia 21 annos que mr. Gordon Bennett não vira a Lisboa e na recente visita que nos fez a bordo do seu yacht *Epistola* soube apreciar os grandes melhoramentos da capital, com esse prediccão d'analyse que o grande jornalista americano possui como raro. Gordon Bennett vai a Tanger e d'alli irá a Trieste, voltando a Franca no inverno.

CHRONICA

Os gatos

Se os cães são os enlevos dos poetas novos que na vida andam á dependura, os gatos fazem as delicias das consagradas. Teve cães toda a bohemia aquem e alem de Murger e tem-nos os espirituosos e espirituosos vates que todos os annos nosseriam com milhares de livrinhos piegas e extraxulados; gatos tiveram nos os Goncourt, Dumas e Gautier, o grande Theo.

O gato, alem d'um ser olympico que tem attitudens dengosas de *cavalte abonda* e aprumo d'anafado conselheiro, é um elemento social indispensavel, tanto nos lares, para os vasos quebrados, como nos ministerios, para os cofres fofidos e para os orçamentos rachados.



II. MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES QUE MANTEM UM HOSPICIO PARA GATOS NA RUA DAS AMOREIRAS

Deita-se onde sôa a quebrado o gato de ferro e deita-se onde ha cama fofa ou restes de sol o gato, animalço de pelle macio e olhos phosphorecentes, maltez ou não, que, alem de ser o querido das valhas e dos poetas, levou agora até á piedade aquella senhora das Amoreiras, que os alberga, os trata, os cuida com um deveulo digno d'uma estrophe e com um afan merecedor de recompensa mais palpavel e mais sonante.

Se até por sua intenção fez um jornal com informaçõ versos, folhetins, onde dentro em pouco, por solidariedade, veremos composições do poeta



OS GATOS PEQUENOS

sr Forte Gato. E' tudo muito justo! O gato, ficando na escala animal como superior a muitos bicharocos, merece em verdade melhor sorte do que esses pequenitos bichaninhos a quem chamam *della gato* e que por ali andam no Deus dará, deitando em vez de gatos os bofes pela bocca, sem um alento e sem uma bucha de pão.

Oh! o gato! Que é uma criança enfezada que trabalha e que sofre ao lado do bichano?! Nada! absolutamente nada!

Acaso ellas dão marradinhas, volteiam com uma borla de papel atada atraz, fazem pulos, gostam d'espinnhas, mettem a mãosita na panela para roubarrem boccados, enovelam-se aos pés dos leitos, chamam-se *Carocho*, *Maltez* ou *Charmanf*, noivam pelos telhados quando o janeiro vem algido, todo de neve e de promessas?!

Não! Então que façam tudo isto e encontrarão almas bomfazejas que os recolham e lhes dediquem um jornal com versos, com folhetins e com gravuras... Pois... julgam que são alguma coisa! Qual?! Comparam-se lá com o *Marquez* ou com o *Amaral*? Sabem mirar?! Não. Então que arrebentem!

Entre todos os gatos, desde o pingado que acompanha ao cemiterio os mortos mais illustres até aos do sr. Fialho d'Almeida que se atiraram aos mortos como a bofe, o preferivel é ainda o gato com botas.

Que historia a do genial bichano! Elle foi herdado pelo filho d'um moleiro, fez tropellias, intimidante, ordenando que dissessem ao rei serem todas as terras por onde passava de seu amo e, por fim, entrando n'um castello onde morava certo ogre, após as venias do estylo e de vér o estafermo a transformar-se successivamente em tigre e em leão, disse-lhe:

—Mas não te transformas n'um animal mais pequeno?

—Ora! Vaes vér!

Transformou-se em rato e passou logo a habitar a pança do gato com botas que, ficando senhor do castello, o entregou a seu amo... Era este um gato que, pela esportezza e pelas tranquillidades e sobretudo pelo golpo final, muito recorda um banqueiro nos-

so conhecido. Agora outros, mil, dois mil, uma infinidade; o gato da velha que se enroscou no collo, o gato da donzella que trepa pelos fados, o gato vadio, o angorá, o maltez e o Gato Preto...

Todos elles leem as suas posições e todos recebem cuidados espeziaes, parecendo que a humanidade lhes teme as unhas.

Assim, conta-se que certo gato só tinha o defeito de não apanhar ratos; de resto ha muita gente boa em empregos para que não tem geito nenhum. Os donos do bichano ao começo queriam pol-o fóra,

aborreceram-se, massaram-se, porem elle iaes blandicies fez, iaes miuas soltou, tanto se torceu e tanto agatinhou que acabaram os donos por apanharem os ratos e a darom-lh'os a comer!

E' n'este gato que decerto se inspiram os homens, quando, em vez de cumprirem um dever, fazem salamaletes para comerm a custa d'um amigo, d'uma familia ou d'uma nação!

Já vêem, pois, que os gatos são tambem elementos d'instrução e recreio como essas philarmoni-



O REPARTO DOS GATOS

cas fardadas de generaes, que apparecem ás duzias pelas ruas e onde se ministra com a musica, que é a instrução, a desordemzinha, que é o recreativo.

E assim mettidos dentro da sociedade a viverem sobre leitos macios, a serem affagados, a darem

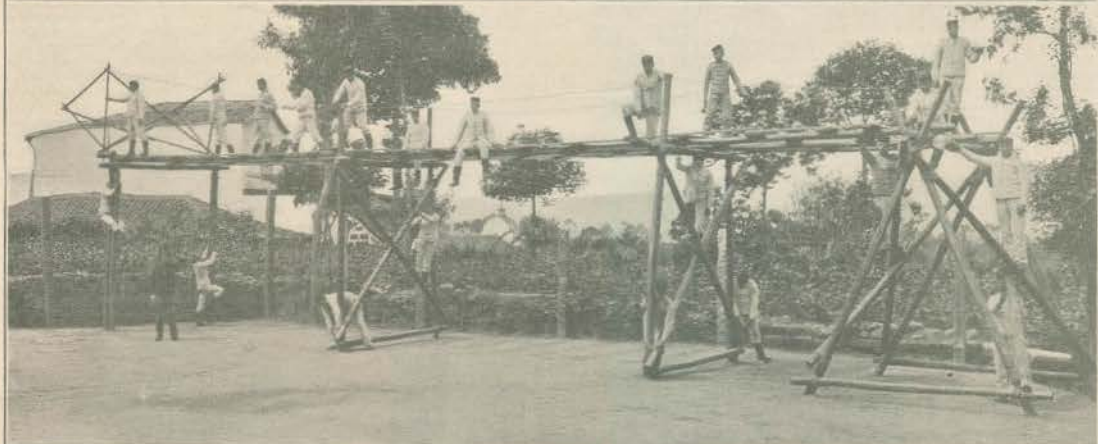
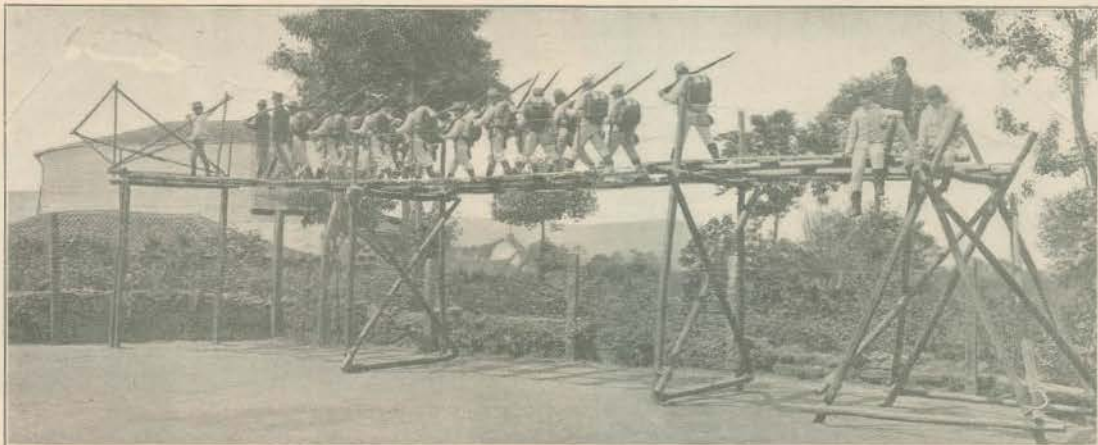


DOIS ENFERMOS

exemplos, acariciados pelos dedos que seguram pennas illustres, cinzeis gloriosos, pincéis de marxavilha, os bichanos sentem a olympica ventura e o soberbo desdem dos deuses pela humanidade que os adora e que lhes offerece em vez d'incenso e myrrha carapaus e bofes.

Os gatos são felizes, sobretudo porque cahem de grandes alturas sem se maguarem, são elasticos, flexiveis, extraordinarios como esse pobre rapaz que, n'um regresso á forma mais irracional, alarrou a cidade com os seus saltos portentosos, clovnescos, por sobre os oleyadores, por cima dos muros, dos policias, dos cemiterios e da Ordem, subindo e marcinhando, guidando-se n'uma epilepsia extranha ás alturas que sobrepassam aquelles pinceros a que subiu o sr. Hintze, feito agora principe pela segunda vez na sua vida e que ainda o será terceira se por acaso o seu governo tiver sete folegos, como os gatos que é d'uso impingirem-nos por leibros...

ROCHA MARTINS.



A INSPEÇÃO DO 3.º BATALHÃO DE INFANTARIA [20]

A PASSAGEM DA PONTE—CONSTRUÇÃO D'UMA PONTE SOBRE CAVALLETES—ARMEIRO, BARRACA DE CAMPAINHA, COZINHA E TRINCHERAS D'ARRIMO—A CARRERA DE TINO EM MONTE DE LEIRAS (CINZA DE FRENTE).

O 3.º batalhão de infantaria 20 está aquartelado em Penafiel e foi ha tempo inspeccionado pelo sr. coronel Gomes Pereira, comandante da 3.ª brigada de infantaria.

O exercicio foi coherente e cheio d'interesse, fazendo-se no campo ranteiro defendido por trincheiras e armado-se uma ponte sobre a qual passou uma secção commandada pelo tenente sr. Mosquita Monteiro. Admistravel de preciso, as diversas phases do exercicio bem demonstram os cuidados que os officios d'esse regimento tomam com a instrução dos soldados que servem sob as suas ordens. De resto já e bem conhecido o amor que aquellos officios tomam pela instrução militar, pois, por iniciativa dos seus, major do 3.º batalhão d'infantaria 20, tenente Mosquita e alferes Ferraz Meneses, dos quaes foi intermmediario o sr. general Leucaste de Meneses, se errou no Monte de Leiras uma carreira de tino destinada a militares e palmeos e onde se tomou feita verdadeiras estradas.

O sr. coronel Gomes Pereira retirou devesas satisfeito com os magnificos exercicios executados pelo 3.º batalhão do 20.º que honra a exercito portuguez.

O REI DOS JORNALISTAS EM LISBOA

(James Gordon Bennett, o director do «New-York-Herald».)



NTREVISTAR Bennett seria um cumulo. Equivaleria a esperar d'um rei que cedesse o seu throno ao maior plebeu ou aguardar de Deus orações pelos mortos. Porque esse Bennett, que ahí esteve a bordo do seu «yacht» *Lysistrata*, no qual se vive por momentos a existência dos heroes de Julio Verne, é o famoso jornalista americano, millionario dez vezes, que envia por todos os cantos da terra onde ha uma lucta, uma tragedia, uma catastrophe ou uma festa, um casamento real ou uma revolução, os seus *reporters*, os melhores do mundo, que vem narrar fielmente aos milhões de leitores d'esse jornal—colosso que tem edificações na America e em Paris—as scenas das guerras, a morte dos generaes celebres, os ataques com as trincheiras a desabar, os cadaveres em lagos de sangue ou as pompas d'um exercito em festa escoltando pontantes vestidos d'ouro que vão casar ás cathedras historicas, que nos centaram as peripetias da conspiração da Servia e as mais pequenas minucias da guerra japonesa. São elles que viajando como principes, armados do seu lapis e do seu livro de choques, vão apprehendendo as novas e espalhando o ouro em holocausto ao publico, dando tudo por serem os primeiros a chegar, amando o seu jornal com um amor do soldado pela sua bandeira e com uma dedicação sem igual. Ainda ha tempos certo redactor do «New-York-Herald», viajando no interior de Marrocos, n'um tempo em que os kabyles andavam exultantes, respondia a alguém que lhe falava d'um provaval ataque:

—Ah! Só tinha pena de não poder dar a noticia para o meu jornal se me matassem...
E é assim que elles vencem ás ordens do extraordinario pontado que tem nas suas mãos muitos destinos e que ahí esteve durante dois dias n'aquelle *yacht* de maravilhas, quasi phantastico.

Quisemos falar a Gordon Bennett; era necessario que a *Illustração Portuguesa* mostrasse aos seus leitores o que é a vida do phenomeno jornalista, pelo menos a bordo do seu *yacht* onde elle commanda do alto da ponte, para nem um por um instante ceder a sua realza. Fobrilmente, procurando-o a todas as horas, na solidade de saber e de informar, conseguimos enfim falalhe na madrugada do dia em que o seu barco devia deixar o Tejo com destino a Tanger, para d'ali ir aproar ao porto austriaco de Trieste, garrido e sob um céu azul já em baixo no Adriatico todo cheio das lendas dos doges e das fustas da antiga Veneza portuosa.

Fra ainda quasi escuro, a cidade tinha pouco movimento e a nossa embarcação largou do Caos do Sodré á força de remos. Não havia nem um bafo d'aragem, no mar reinava um silencio e os montes da Outra Banda adivinham-se confusos, mal silhonetados.

Batiam-nos o coracão, fufhamos como um terror enorme de não sermos ainda recolhidos a essa hora que um ingles acharia *imprudente* e que um americano acharia conforme a impressão que se lhe desse. E tudo isto nos assaltava ao ouvirmos bater os remos na agua e o som das cornetas nos navios de guerra focando a alvura da.

Franco do casco do *Lysistrata* observariamos, aguardariamos a hora, o instante de ver e ouvir Gordon Bennett.

Assim andamos e, quando o sol rompia, acercámo-nos do novo do *yacht* e fomos signal para bordo. O

immediato conhecia-nos já da vespera; um marinheiro forte e louro, fardado de branco, desceu a escada de bombordo e quando em frances e em voz tremula perguntámos por mr. Bennett, apenas n'um gesto nos mandaram subir.

O grande jornalista, diante d'uma carta nossa escripta á *la diable* na noite anterior, á luz dos pharos do seu barco, e dentro d'um boio castró, consentia em receber-nos.

E subimos. Em baixo ficaram photographos e desenhadores, nos seus companheiros na faina, e nós, lá em cima, fomos aguardar Bennett.

Nem um minuto de espera. Estava na nossa frente, alto, delgado, mas musculoso, o rosto enegresco, avermelhado e d'olhos azues limpidos, o bigode branco, o porte distincto, vestido com um fato leve de flanela ás riscas azues e touro na cabeça um chapéu cinzento. Movia-se nervosamente, dava ordens ao seu ingles cultural misturado de palavras francezas e acabava por sorrir. Sandámo-lo, dissimulando e que desejavamos d'elle. Um momento d'attenção, pedimos-lhe licença para fazermos desenhos e photographias. Olhon-nos d'alto, hesitou uns momentos e exclamou em frances:

—Venha!

Entrámos no largo salão das visitas todo branco, com as suas mesas largas cheias de livros, das ultimas novi-



MR. BENNET SOBRE A PONTE DO SEU «YACHT».

dades litterarias do mundo, revistas, romances, *Illustrações* japonesas, rodado de prateleiras atilhadas de mais livros, novellas ingenuas inglesas e romances das fabricas americanas, e vemos em frente tres mesinhas que parece convidarem-nos a escrever.

Sobretudo o que nos causa pasmo é a ordem metellosa do tudo aquillo. Sobre o mata bórrio collocado de fresco estão as caixetas de pennas novas, sem mancha, lapis, laeres, cinzeiros que são caçacos de mochos, facas



O GABINETE DE TRABALHO

de cortar papel, impressoras para telegrammas e para os despachos dos cabos submarinos, sobretudo para esse cabo de New-York que elle faz construir; e no alto do papel lê-se: *Linee sousmarine de New-York en France*.

—E' a segunda vez que vem a Lisboa, mr. Bennett?

—Acena-nos ligeiramente com a cabeça e entre dentes diz rapido, sacudido:—*Oui*.

E nervoso, agitado, tira o seu chapéu cinzento e acaba a dizer-nos:

—Quer fazer photographias para o seu jornal?... Sim...

—Mas ou tenho-as, posso dar-lhas...
Agradecemos, mas insistimos ainda quando Bennett se curva ao nosso lado e nos mostra um album no qual não estão as dependencias do *yacht*, mas simplesmente algumas scenas da vida de bordo.

E recordamos lado a lado com elle, que é amavel agora e entra a familiarisar-se, sor aquelle homem o millionario jornalista que á sua custa armou uma expedico para ir ás regiões arcticas a bordo do *Jeanette*. Partiu a expedico de S. Francisco em 1879 ás ordens de De Long e entrando no archipelago da Nova Sibéria descobriu uma ilha deserta de que tomou posse e baptizou com o nome d'esse homem que ali estava ao nosso lado a dizer-nos:

—Tenho mais... Os senhores podem fazel-as, mas nunca como as minhas... São americanas... E' lá na America que se trabalha melhor no genero... Quer vêr?... Nunca como as minhas...

Deixa o chapéu sobre o sophá e parte ligeiro. Em baixo ouve-se a sua voz a dar ordens, sacudidas, rapidas, e tivemos então a curiosidade de vêr o chapéu do millionario, o chapéu que sobre essa cabeça phenomenica que tantos assumptos trata ao mesmo tempo. Tinha um perfume suave e discreto d'alcool Lavande, o perfume querido do jornalista que entre as animas prefere os mochos, entranha da mente, a logo a seguir as ideias animadas da docilidade. Cinzento e fardado de seda, com a marca da casa Moth de Paris, esse chapéu pensava ao acaso sobre o sophá e, sem baixo, o seu dono chamava gente, resolvia tudo, voltava a dizer:

—En tenho aqui a bordo quarto escuro para revelar photographias, tenho bons *apparells*, tudo que é necessario.

—Não admira... Sei que o *yacht* é uma maravilha... Sorri, agradece com esse sorriso e um official entre com duas photographias.

—E' o meu retrato... Esta representa-me sobre a ponte... Don-

—Ah! Mas tenho mais, outras... Vou dar-lhas...

Parto para voltar ao cabo d'uns momentos, sempre directo, agil, com os seus olhos de bondade e o seu sorriso affavel, e entrega-nos então um cartão, cheio de photographias do seu *yacht*, dizendo:

—Ah! tem para o seu jornal...

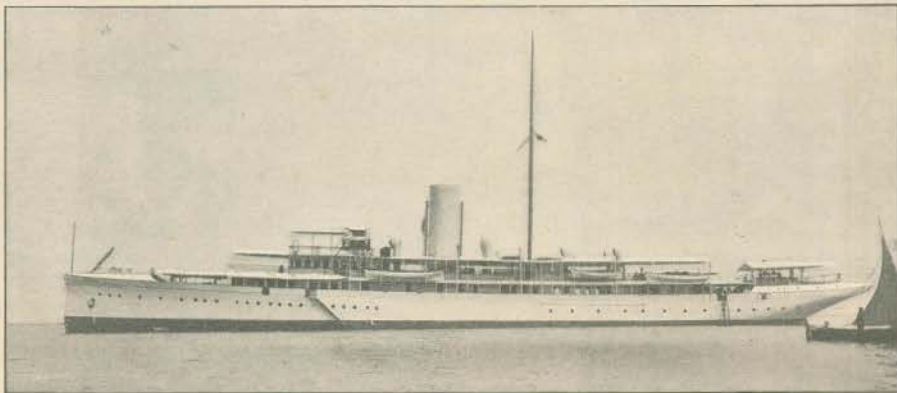
Agradeço e mostro o alle torna:

—Já viu o barco?

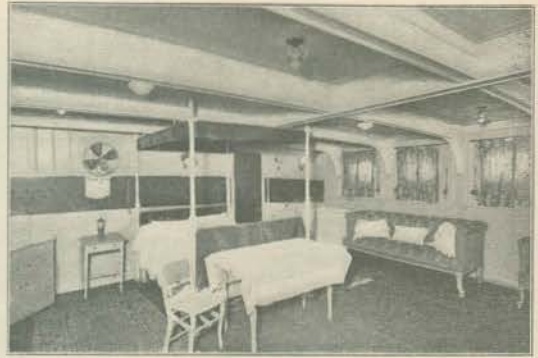
—Atuda não.

—Vamos...

Desce uma pequena escada atapetada de vermelho, sempre á pressa, entra no seu quarto da ca-



O «LYSISTRATA».



SALA DE VISITAS E GABINETE DE LEITURA

A PEQUENA SALA DE JANTAR

ma, muito simples, todo claro, onde ha uma mesa de toilette sobre a qual se vê um unico frasco de essencias, o seu perfume querido, ao que julgamos.

E no chão ha chinellas turcas, ha uma *fourrure* atrada para sobre um movel, vê-se tudo do repouso, de corrida, e a passagem do millionario que nos leva ainda ao seu gabinete de trabalho.

All ha mais ordem do que em parte alguma, está tudo nos seus logares e os mochos apparecem por todos os lados, esculpido e pintado, nos pesa-papeis e nos cinzeiros. Chegam cartas, telegrammas que abre com mão febril, rapidamente, lê um mais attentamente, naturalmente aquelle em que lhe annunciam a vinda d'um duque e então pede-nos desculpa, sorri, diz:—You fazel-o acompanhar por um dos meus officiaes...

Sabe. Em cima sôa um clarim, não se ouve mais nada, e Bennett, de chapéu na cabeça, torna, apresentando nos um official:

—E' o commissario... Elle lhes mostrará tudo que quizerem... Adens.

E desaparece. Quando olhamos as aguas vimos já distante um dos escaleres a vapor que parte em direcção a terra levando aquelle homem que nos deixou encantados.

Começamos então a visita. O official é discreto como um verdadeiro individuo habituado a lidar com o jornalista que sabe ser o segredo, a melhor arma. E' pois, discreto, mas em extremo amavel. Não conta a vida de bordo, mas põe-se á nossa disposição para visitarmos o navio desde o porão ao topo do unico mastro, se quizermos. E assim atravessamos esse *yacht* que é como um navio de guerra, ou como um real barco onde á riqueza e á arte se junta a maravilha. Por todos os lados lampadas electricas que são mochos e flores, tapetes

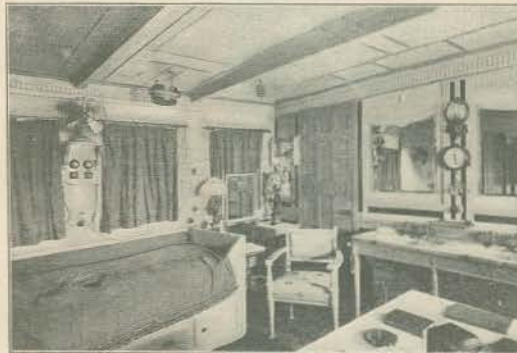
vermelhos, sempre a mesma ordem e a mesma limpeza, quartos magnificos onde os leitos são cobertos com colchas de renda da Venoz e onde ha ventiladores, mo-delos desconhecidos de nós outros, onde o chão é coberto de encerados nos quos o mocho abre as aguas sob a sua legendia:—*La nuit porte conseil*. São os tetos bran-

nas divisorias para banhos e onde ha finas caras, objectos d'uso quotidiano, escovas, pentes, em prata, pequenas tesouras, mil apparatusinhos como em casa d'essa precioso Jacintho de que *Eça* de Queiroz nos fala nas *Cidades e Serras*.

Atravessamos o barco d'un lado ao outro, os aposentos dos officiaes e as cozinhas, as salas, a casa de jan-

—Mas isto é Julio Verno puro... —O commissario sorri, nós pasmamos ainda e acabamos a dizer:—Mr. Bennett realisa perfeitamente o typo d'un heroe d'esse romancista. E' pratico e phantasia, é um homem que move milhões a embalar-se docemente no seu *yacht* pelos mares, sendo sempre jornalista... Oh! Só um americano pode realisar isto!

Comprehendemos como essa America cria os homens de tal tempora, o outro que faz reis, soberanos como aquelle que, á maneira d'un cavalleiro das cruzadas, já creou o seu braço e o seu moto: O mocho e a legendia: *La nuit porte conseil*. Deacemos, o commissario cumprimentamos e o nosso barco larga, enquanto olhamos o casco branco e bem cortado do *Lysistrata* que sahira d'essa mesma tarde pelas duas horas com o seu pavilhão americano desfaldado e com o seu ar



O QUARTO DE MR. BENNETT

tar onde vemos a Coup ganha por Gordon commandando o navio á vela; e vemos á entrada do quarto do millionario a ante-sala onde ha baixos relevos em estanho que representam as *Baigneuses de Clodion* sobre marmores de Carrara.

Vamos a entrar de novo no quarto de Bennett. Uma creadita, a unica mulher que ha a bordo, apparece, quer prohibir-nos a entrada e em francez fala com o official, que diz:

—Já viram o aposento... Mr. Bennett trouxe-os aqui...

Ella fica pasmada e acaba: —Oh! N'esse caso, perdido...

E vemos então de que attentões requintadas usou para comosco esse homem d'excepção.

D'alli entramos n'ontra salinha onde ha uma gallinha sem alumínio rodeada de pinhos do mesmo metal sobre uma mesa. E vemos que se trata d'un curioso appare-

triumphal de barvo que alberga um rei, quasi um deus, especie de Jupiter que tem na sua mão a felicidade dos outros, que póde dar a ce-lebridade ou o oivido, a grandeza, a opulencia, divindade rara, superior da machina mais poderosa dos tempos modernos: O maior jornal do mundo, o *New York Herald*, que se impõe á admiracão do globo e tem folto a sua triumphal carreira a golpe de milhões.



O APPARELHO PARA MUNGIR AS VACAS



A ESTATUA DE LYSISTRATA



BAIGNEUSES DE CLODION

cos com frisos um relievo, sem douzados, sem alardes burguezes, tãdo simples e tudo artistico, tudo completo, não faltando nada. Ha nos quatro ou cinco quartos para hospedes, todos maravilhosos com as

lho onde se preparam ovos quentes. Cada um d'esses pinhos é um copo onde se mette o ovo e a gallinha encerra no seu ventre tambem uns seis ovos.

Vamos para a pópa e junto a nima mesa ha tres chesinhos, os preferidos de mr. Bennett. Chamam-se *Rip*, *Coquette* e *Kiki*. *Rip* é um dogue pachorrento que se deixa photographar, com *Coquette* que é branco e manso como um cordeirinho e recebe alegremente as nossas caricias habituado como está ás de seu dono, o famoso millionario. Na colleira tem as seguintes palavras: *Bennett Champs Elysees 104*, e nós sabemos então que elle adora esses animaes.



AS FESTAS A SANTA EUFEMIA NA SERRA DE CINTRA

A SAÍDA DA PROCESSÃO DA CAPELLA DA PENHA—EM ARRABAL—O M. A. SAÍDA SENHORA D. AMÉLIA SAÍDA DA SERRA DE SANTA EUFEMIA COM O SR. JOSÉ DE BRAGANÇA—A ESTADANTE—SR. AA. DE O SENHOR D. LUIS FILIPE E O SENHOR INFANTE D. MANUEL DO ARRABAL—O PALLO—O SENHOR—O ARCEBISPO DA SERRA EUFEMIA—O SR. AA. DE O SENHOR D. LUIS FILIPE E O MANUEL DA PROCESSÃO

Fica a um bello ponto, um pouco ao nascente do palacio da Pena, com um lindissimo panorama a descer-se do alto da serra verde e amada e como um refugio branco para receber transviado. As festas a Santa são feitas por uma commissão de crendos da casa real, que este anno mandou construir dois corraes, d'altivaria e uma lindissima barraca para a brimosa, na qual havia pendas valiosas de 88, MM. as rainhas sechoras D. Amélia e D. Maria Pia e da se-ahora duquesa de Palmella. Principiam as festividades em 6 e terminaram em 8 de agosto, mas sobretudo no dia 7 foram interrosantissimas, tanto pelo pittoresco como pelo grande numero de pessoas que a ellas concorreram. As imagens tinham ido para a capella do Paço Real da Pena e

d'aht' sahiam provisoriamente pela 1 hora da tarde, sob um sol que escaidava e em direcção a capellita de Santa Eufemia SS. AA. BB. seguiram atraz do pallio acompanhados pelo sr. visconde d'Assoca. A's 5 horas S. M. a rainha sechora D. Amélia visitou o arrabal, que precedeu a pé, com os dignitários de servico. Oros uns momentos na capella e entrou na barraca da brimosa onde esteve vendendo sortes. Pela noite a illuminação a veneziana foi deslumbrante fazendo um lindissimo effeito alem, no meio d'aquellas serranias, a feeria dos balões, dos lumes, dos fogos que subiam para o espaço ao som das musicas que tocavam nos corraes.

A SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

O município foi no dia 7 de agosto, como é d'uso, assistir á festividade do Ferrôlho na igreja da Penha de França que fica lá n'um alto a dominar a cidade, branca, n'um cume e toda de fô. A Senhora da Penha tem uma curiosa historia. Um monge de nome Simão Rochão achou no alto d'uma serra, perto de Castello



O TUMULO DE ANTONIO CAVIDE

de janeiro delibieron erigir uma capella com retabulo á Senhora da Penha, se ella acabasse com a peste que fazia numerosas victimas. Entre sim desceram os varadores que fariam uma procissão a qual sahiria da Real Casa do Santo Antonio para a sua igreja e n'ella tomariam parte com o presidente e officiaes do Senado, descalços, e que levaria cada um d'elles a sua vara e um cirio que seria offertado á Senhora. O Senado iria confessado e communharia na missa que se dissesse.

A pesar do voto, a epidemia era cada vez maior e todos arguim a veresão do não ter feito a procissão. Finalmente em 5 de agosto cumpriu-se o voto á risca, indo toda a gente batendo nos ferrôlhos das portas, a fim de chamarem aquelles, que descalçados, não vinham acompanhar a gloriosa imagem. D'ali veiu á procissão o nome de Ferrôlho. A epidemia terminou e em 1833, quando foi do cholera morbus, segunda vez se pediu á imagem que fizesse desaparecer o mal. Todos os annos a Camara vae, pois, n'um voto de tradição ouvir missa á igreja da Penha de França no dia em que outr'ora se fazia com o maximo luzimento a procissão do Ferrôlho.

Entre as diversas curiosidades d'esta igreja, na qual está o celebre lagarto que durante muito tempo foi objecto da admiração lisboeta, existe um navio que foi offertado á Senhora n'umas circumstancias bem tragicas. Foi tambem pelo anno de 1599. Tinha partido para a India sete annos que levavam por capitão mór D. Jeronymo Coutinho, da casa dos Athouguias. A bordo ha



A NAU ALLEGORICA DA PROMESSA DOS MARINHEIROS

via a peste, era um pavor e vida nas ruas, todos os dias diminua a tripulação e o contagio era seguro em tão limitado espaço. D. Jeronymo Coutinho fez um voto á Senhora da Penha. Com todos os seus jurou constituir uma irmandade se a imagem os salvasse. Foram á India e voltaram formando então uma procissão, todos descalços e levando-lhe as velas das mãos, os galhardetes e grandes preciosidades trazidas da India. A nau que está na igreja commemora o facto.

O lagarto da Penha é tradicional e tem esse sabor de lendario que agrada ás imaginações peninsulares.

Conta-se que certo peregrino, que fora em demanda do templo, se deitara a dormir no meio das hervas altas da encosta e all se detivera uns momentos. Apareceu-lhe então um enorme lagarto semelhante a um jacaré e a Virgim, acordando o seu peregrino ao mostrar-se n'um resplendor de luz, salvou-o de ser devorado pelo monstro, que foi logo morto, sendo entido no templo.

Com o tempo foi-se corrompendo pouco a pouco e então fez-se um lagarto em madeira que all se expõe como memoria do caso.

Em agosto de 1603 os cremltas de Santo Agostinho tomam rumo de a igreja e logo houvo grandes disputas entre as congregações, sobretudo com a dos dominicanos, que queria entrar no templo como senhora. Mas decidiu-se o pleito a favor dos agostinhos e em 1603



PENHA DE FRANÇA

começou-se a fazer um bello mosteiro e o Senado ordenou as obras da capella-mór que na sua maior parte foram pagas por Antonio Cavide, que mais tarde foi secretario d'el-rei D. João IV.



A IGREJA DA PENHA DE FRANÇA

Chegou o terremoto. A Penha de França não foi poupada. Estava-se á missa; veio o abalo e parte das abobodas cahiram, soterrando talvez umas 300 pessoas.

A igreja foi então reconstruida e hoje lá se mostra com as suas tradições milagrosas no topo do monte a dominar a cidade, cuja veresão, em cumprimento do voto do velho Senado de 1599, vae all ouvir a missa no dia em que passa o anniversario da primeira procissão do Ferrôlho.



O LAGARTO DA PENHA



O ALTAR-MOR

Rodrigo, em Castello a Velha, uma imagem linda que all fora enterrada no tempo das luctas com os barbaros, sem duvida para a fazorem escapar aos sacrilegios.

Ergueu-se-lhe uma ermida e quando o monge morreu a Senhora foi entregue aos frades de S. Domingos, que lhe ergueram um suntuoso templo.

Mais tarde um dourador de nome Antonio Simões, que fóra á Africa com D. Sebastião, tendo escapado de morrer no regresso dedicou-se ao culto da mãe de Deus e entrou a pensar em fundar um templo que lhe fosse dedicado.

Escolheu para o affetto e terreno chamado Cabeça d'Alperço e espstou no sitio um estandarte onde se via a imagem da Senhora da Penha de França, a qual foi logo objecto de grande devoção. A primeira pedra do templo foi lançada em 23 de março de 1597 e o monte onde a igreja começou a ser erguida começou a ser chamada como ainda hoje Penha de França, em virtude da milagrosa imagem que n'ello ia residir e cujo nome lho viera do penhasco onde fora achada na alfaneira serra de Castello a Velha.

Em 1599 a peste grassava em Portugal, reinava cum ella Filippe II. A nação associada por tantos males só do céu esperava o auxilio. O Senado reunido em 28



A GUERRA RUSSO-JAPONESA — A MORTE DO GENERAL KELLNER

Dois dias depois da morte do ministro Plewke acabou-se que entra no campo de batalha o general Kellner, um dos mais brilhantes oficiais do exército de Kuroki. Foi na batalha de Ta-Osan, quando comandava o fogo junto a uma bateria, que o esquilho d'um obuz o atingiu. A 17 de julho uma das suas columnas fôra derrotada pelos japoneses e elle, n'uma agitação louca, percorre

o campo jurando vingança aos seus bravos. N'esse encontro em Ta-Osan commandou como um valente até cair ferido. Mais hora depois era cadáver. O general conde Theodoro Kellner descendia d'uma familia prussiana que occupou grandes logares nas órbitas da Prussia, Austria e Russia. Nasceu em 1850 e assentou praça na cavallaria da guarda imperial, ganhando na campanha de 1877

contra os turcos a cruz de S. Jorge que ostentava sempre ao peito da sua farda. Depois da batalha de Yalou tinha substituido no commando do 2.º corpo d'exercito o general Zassoulitzki. Era alto, e, detalhe curioso, a sua barba era loura do lado direito e branca do lado esquerdo, tendo tomado esta cor sobre a ferida que recebeu na face na batalha de Schonovo quando tinha

vinto, e sete annos. E' mais um grande general que a morte arrebatou aos exercitos russos n'essa guerra terrivel em que os amarelllos se tem mostrado cruéis nas batalhas, mas bem generosos com os prisioneiros.

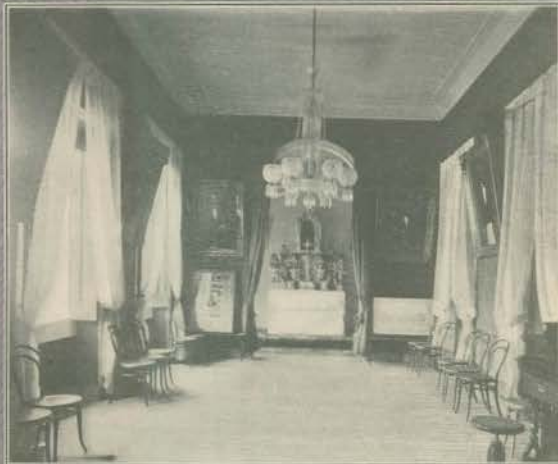
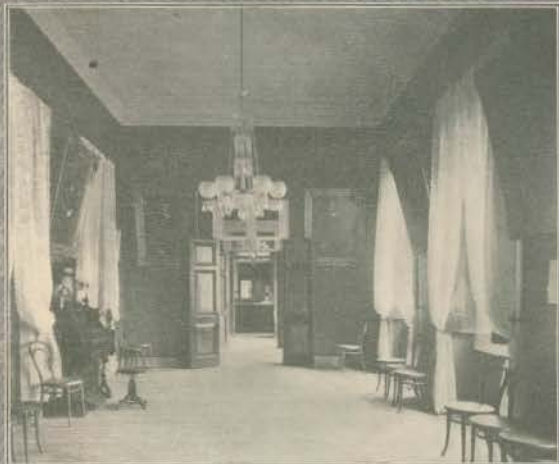


A FESTA NAS CARDOSINHAS

UM TRECHO DA PROCISSÃO—A ERMIDA DAS CARDOSINHAS—UM ANJO—OUTRO TRECHO DA PROCISSÃO—A CRUZ—O ANJOE
—A IMAGEM DA SENHORA DA SAÚDE—OS ORGANIZADORES DOS FESTEJOS

Foi no sétimo domingo de julho a festa no povoado das Cardosinhas, que era no concelho de Villa Franca de Xira. É um pequeno lugarão com a sua ermiola branca onde se venera a Senhora da Saúde. A festa foi modesta, simples, e por isso mesmo digna d'aquelle povoado de lavradores que adoram a lindíssima imagem, a qual foi conduzida precisamente pelas ruas no meio do maior respeito a da maior fé. O reverendo Senhor Parisha fez uma oração brilhante e todo

correu com o maior orden, havendo uma variedade de união entre a geração povoado que 'trafeta' para por esse lindíssimo dia de valor e com agra.
A ermida das Cardosinhas é pequenina e de simples construção e a povoação minuciosa e deliciosa. No concelho de Villa Franca é uma das melhores aldeias, pela sua singularidade, pelo pittoresco das edificações e pelo ponto de vista admirável que d'ahi se goza.



O BRAZIL—CAMPINAS
A SOCIEDADE DE BENEFICENCIA EM CAMPINAS—A PHARMACIA—A CAPELLA

É uma linda cidade que fica na provincia de S. Paulo. Consiste n'uma planicie longa, cheia de edificios magnificos e de bellos estabelecimentos. Campinas, que foi villa por ordem regia em 1797, foi elevada a categoria de cidade em 1842, quando o Brazil se estava descolando da uniao indiana. O commercio está muito desenvolvido n'esta cidade, que é uma das mais bellas e ricas da provincia de S. Paulo, possuindo bellissimos edificios como o da Beneficencia, que, na verdade, se

pode comparar ao lado dos estabelecimentos congêneros das grandes capitais, não só como edificio, como ainda com as instalações, que são todas magnificas, e n'ellas se fornecem promptos os socorros. A cidade tem um enorme desenvolvimento industrial e commercial, que dá oia para ella ir engrandecendo, devendo dentro em pouco occupar um dos primeiros lugares entre as joias da florissante republica Sul Americana.



O EMBARQUE DOS DEGRADADOS PARA A AFRICA EM 6 D'AGOSTO

Por essa madrugada linda, em domingo, elles embarcaram lá em baixo no case da Fundação. Chegaram ali homens e mulheres e ficaram um momento. Nada mais decidio que esse embarque por uma manhã magnifica, quando de terra visiam alegrias. As mulheres, sobretudo, faziam dô, magras, enfeadas, os rostos marcados. Os degradados militares vinham entre bayonetas, chegavam embarcavam, desciam com os paisanos para o porto.

No momento do embarque, uma das costmeusas despediu-se d'otra mulher a chorar. Falamos á que ficava. Sabemos então que a degradada deixava um filho encostado áquella sua irmã a que por elle chorava.
O Bengalla recobrou, como nos outros condemnados, guardou a com essa. Ha de homens, alguns de caraes palubizares, outros ainda govos e mesmo sympathicos, e levou para o degrado.

Largou do Oes, partiu. Em terra aquella mulher interrogada por nós disse-nos:

— Eu não quis trazer a criança... Ella tambem não quiz que ella visse...
E nos seus olhos havia tanta amargura como na sua voz, ali sob o sol que cuidava, calhindo a primo, vigoroso e rijo.

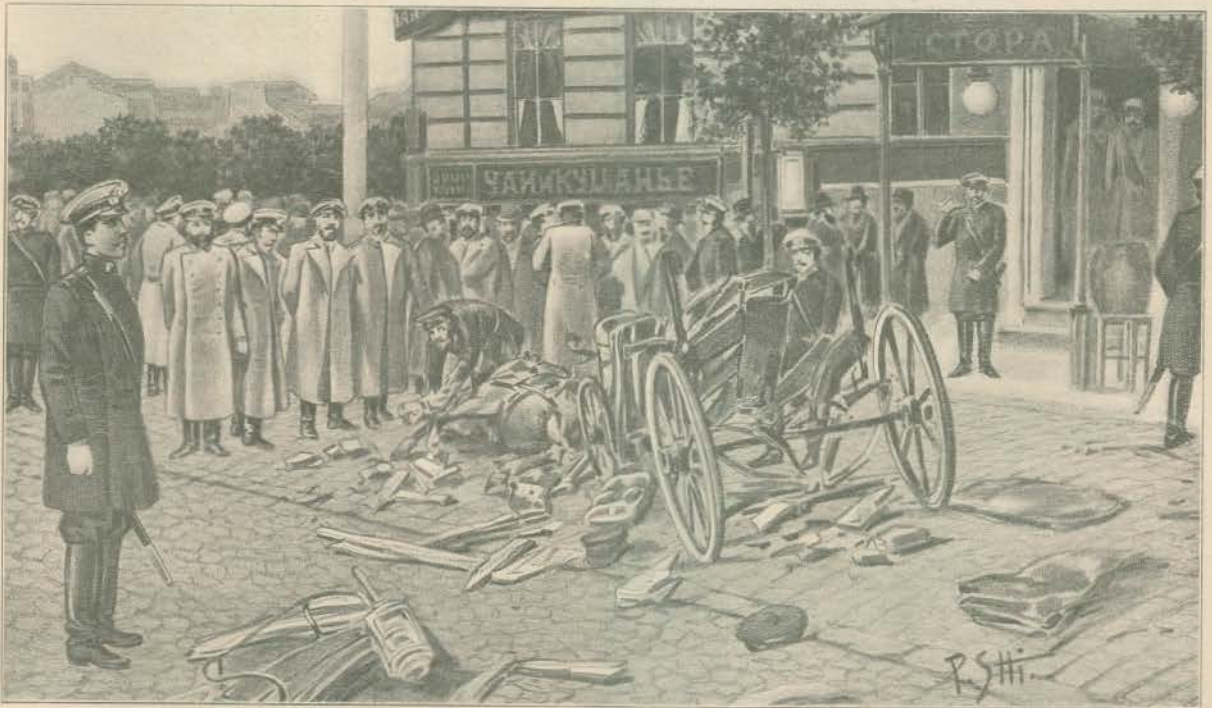


UM RALLY PAPER EM CINTRA

(Phot. de Benoit)

A EQUIPAGEM DO SR. ARBEU — A FAMÍLIA REAL ASSISTINDO AO «RALLY PAPER» —
 Foi no Alto d'Arronches, em Cintra, com a assistência de toda a família real, que se realizou
 nesta festa na qual tomaram parte numerosos cavalleiros de repulção feita como grandes cultores
 de corridas hipicas. O caminho que deviam percorrer era inteiramente descurado para os ca-
 vallheiros e estava indicado por pequenos papelinhos espalhados ao chão e por obstáculos tambem
 de papel. Deviam circumdar o Monte d'Arronches e seguir em linha recta de sul ao norte,
 atravessando a estrada da Graça e subindo até Villa Verde para voltarem pelas immedi-
 ações do Souto Tomazim para as corridas de srs. D. Rodrigo Correia (Seisal), Rodrigo de Castro

OS CARRIOS DOS SRS. BLUCK E MAUFERRIN SANTOS — EM LINHA PARA A PARTIDA
 Patrão, Jorge de Melo (Sabugosa), alferes Callado e Nazareth, do lanceiros 2, padre Alho, do mesmo
 regimento, Jorge Bluck, conde de Seisal, barão de Palmes, ministro da Fidejussão, barão do Lago,
 secretario da legação austriaca; tenente Reis, alferes Correia e Vasco Jardim. Dão-se o signal de par-
 tida e o sr. Jorge Bluck foi o vencedor, tendo se tambem distinguido muito o reverente Alho, ca-
 valleiro de lanceiros. Organizou-se em seguida um «Cross Country» no qual venceu o sr. alferes Na-
 zareth.



A MORTE DO MINISTRO RUSSO PLEWHE

(Segundo um croqui)

O ministro Plewhe, que foi morto em 28 de julho por uma bomba que fez soar a carruagem
 em que seguia para o palacio do Petershof a fim de apresentar alguns decretos a assignatura do
 czar, começou pela mále molestia possuido e revoltou-se durante toda a sua carreira mále. Homem
 de policia do que estadista, Reactionario em extremo, era odiado pelo partido nihilista, cuja forte
 corrente tanto se faz sentir no imperio. Estava condemnado a morte e segundo a lei do partido devia

mover. Foi assim que ao chegar perto da gare de Varsovia lhe foi lancada a bomba. A carruagem
 fez-se em pedacos e o corpo do ministro ficou por terra com o peito aberto, as pernas e os braços
 separados do tronco, junto a porta cheia de decretos, que ficou salpicada de sangue. O criminoso
 foi chamado de «Boris», e que palavra não se vendeu, como se desejasse encobrir o mysterio,
 e agora se dar explicação sobre o attentado.



SALA DUCAL

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN—TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Pois bem: estivemos como em família na Palestina. Era fácil de ver que foi essa a grande feição da expedição. Não nos haviamos importado com a Europa para coisa nenhuma. Passámos rapidamente pelo Louvre, e Pitti, os Uffizi, o Vaticano — por todas as galerias — e pelos quadros e frescos das igrejas de Veneza e de Nápoles e das cathedraes do Hespanha; alguns dos nossos disseram que certas obras dos antigos mestres eram creações gloriosas do genio (descobrimos isso no livro-guia, embora algumas vezes nos enganássemos com a pintura) e outros opinaram que eram mais quadros velhos. Examinámos a estatuaria antiga e moderna com olhos de crítico em Florença, em Roma, por toda a parte onde a vimos, e louvamo-la, se isso nos parecia proprio, e, no caso contrario, declaravamos preferir-lhes os indios de pau que estão por deante dos armazens de charutos na America. A Terra Santa, porém, fez explodir todo o nosso entusiasmo. Sentimos arrepios pelas praias esteiras da Galileia; meditámos no Thabor, e em Nazareth; desfilamo-nos em poesia sobre a duríssima amenidade de Esdras; reflectimos em Jezreel e Samaria sobre o zelo missionario de Jezu; divertimo-nos — e bastante entre os santos lugares de Jerusalem; bauhâmo-nos no Jordão e no Mar Morto, sem se nos dar se porventura corriamo algum risco, e tronxemos tantas bilhas da agua preciosa d'esses lugares que toda a região que se estende de Jericó ás montanhas de Moab ha, segundo creio, de palodear sóste este anno. Todavia, a parte peregrinação da expedição foi a sua feição pequenina — sobre isso não ha duvida. Depois da triste e grave Palestina o bello Egypto teve poucos encontros para nós. Relanceámos a vista por elle, e dispuzemo-nos para o regresso.

Não nos permitiram desembarcar em Malta — qua-rentena; nem na Sardenha; nem em Alger na Africa; nem em Malaga nem em Cadiz, na Hespanha; nem na ilha da Madeira. Assim nos dêmos como offendidos por tudo o que eram estrangeiros, voltámos-lhes as costas,

e voltámos á patria. Supponho que apenas nos detivemos nas Bermudas, por isso estar no programma. Não queriamos absolutamente saber de logar nenhum. Precisavamos de tornar para a nossa terra. A nostalgia da patria estava espalhada por todo o navio — era epidemica. Se as autoridades de Nova York soubessem até que ponto estavamos atacados d'ella, ter-nos-hiam sujeito a quarentena.

Estava finda a grande peregrinação. Do intimo lho posso dar um adeto, e voltar-lhe uma recordação agradável. Nem malquereça nem má vontade tenho a qual-quer individuo que nos acompanhou n'essa excursão, quer como passageiro quer como empregado do navio. Certas cousas, de que eu não gostava absolutamente nada hontem, aprazem-me hoje, agora que estou na patria. A expedição effectou tudo quanto o seu programma promettia que se havia de executar, e, de certo, devemos todos estar satisfeitos pela direcção que teve.

MARK TWAIN.

Ora, isso são cumprimentos; e, todavia, nunca recebi por elles uma palavra só de agradecimento da parte dos Hadjis; pelo contrario, digo apenas a serla verdade, quando affirmo que muitos d'elles fizeram até má catadura ao artigo. Esforçando-me por lhes ser agradável, gemi a tracejar essas linhas por espaço de duas horas, e o meu trabalho só serviu para meu castigo. Nunca mais praticarei uma boa acção.

CONCLUSÃO

Desde que terminou esta notavel peregrinação, decorreu quasi um anno, e agora que, repartido em S. Francisco, estou aqui a pensar, sou levado a dizer que dia a dia o acervo das minhas recordações da excursão se tem tornando cada vez mais aprazivel á medida que

os desagradaveis incidentes occorridos na jornada se desvaneceram um a um do meu espirito — e actualmente, se o *Quaker City* estivesse a levantar ferro para fazer de novo a mesma viagem, nada me daria maior prazer que ser um dos passageiros: com o mesmo capitulo, e até os mesmos peregrinos, os mesmos peccadores. Deixei excellentemente com otto ou nove excursionistas (são ainda meus dedicados amigos), e falava com os restantes cincuenta e sete. Andei no mar bastante tempo para saber que aquella era uma muito boa medida. Porque uma longa viagem por mar não só patenteia todas as más inclinações que tem uma pessoa, e as exaggera, mas até eleva outras que ella nunca se pôde possuir, e cria novas. Uma viagem por mar de doze mezes faria do homem vulgar um verdadeiro milagre de baixosa. Por outro lado, se um sujeito tem boas qualidades, o espirito raras vezes o move a mostra-las a bordo, pelo menos com grande emphase. Agora estou satisfeito por ser em terra os nossos peregrinos amavel gente velha; e tambem porque no mar, em uma segunda viagem, seriam um tanto mais agradaveis do que o foram na nossa grande excursão, e por isso digo sem hesitar que teria grande contentamento em embarcar outra vez com elles. Poderia ao menos gosar a vida com a minha mancheira de amigos velhos.

E devo dizer aqui que antes queria viajar com um grupo de Mathusalens do que andar constantemente a mudar de navio e de camaradas, como succede aos que viajam segundo o costume geral. Estes ultimos estão a lamentar algum outro navio, que conheceram e deixaram, e outros companheiros, cujo diverso destino os havia feito separar d'elles. Quando principiam a gostar de um navio toem de mudar para outro, e scimento ganham affeição a um amavel companheiro de viagem para o perder. Possuem essa tristissima experiencia de estarem n'um navio extranho, entre gente extranha, que para nada se importa com elles, e de aturarem as costumadas bravatas dos officiaes de bordo, e a insolencia

de creados estranhos, repetida uma o muitas vezes no espaço de um mez. Tem tambem esse outro disabor de fazer a desfaçer malas — de se sujeitarem á oppressiva mancha das alfandegas — de se fatigarem com o cuidado de transportar com segurança os volumes da bagagem de uma banda para a outra em terra. Eu preferia viajar com uma brigada completa de patriarchas a sofrer essas cousas. Nunca arranjámos as nossas malas senão duas vezes — uma quando partimos de Nova York, e outra quando para lá voltámos. Sempre que fazíamos uma jornada, calculávamos quantos dias levaria e a roupa que nos seria necessaria, d'isso tomavamos nota com precisão mathematica, enchíamos uma *calico* ou duas, conforme era preciso, e deixavamos as malas a bordo. Escolhíamos os companheiros entre os nossos velhos e experimentados amigos, e partíamos. Nunca estivemos na dependencia de estranhos para nos fazerem companhia. E muita vez tivemos occasião de lastimar os americanos que encontravamos a viajar tristes entre estranhos, sem alguns amigos que participassem das suas dôres ou dos seus prazeres. Sempre que regressavamos de uma jornada, a primeira coisa que os nossos olhos procuravam a distancia era — o navio — e quando o víamos ancorado, com a bandeira no topmast, tínhamos o mesmo que seria um viajante quando regressa á patria. Logo que punhamos o pé no convés, os cuidados desapareciam, os nossos incomodos estavam acabados — porque o navio era para nós como que o lar domestico. Tínhamos sempre a mesma antiga sala familiar de reunião, onde nos sentávamos de novo bem, em paz e com conforto.

Não tenho que apontar falta nenhuma no modo por que foi dirigida a nossa excursão. O programma foi fielmente cumprido — coisa que me surpreendeu, porque de ordinario os grandes empreendimentos promettem muito mais do que dão. Bom seria, se se pudessem fazer uma excursão como aquella todos os annos, e que passasse a moda. Viajar á terrível para os profanos, para a hypocrisia, para os espiritos acanhados, e muita da nossa gente bem preciosa d'isso por certos motivos. Vistas largas, saas, caritativas, dos homems e das cousas não podem adquirir-se, vegetando n'um canto da terra toda a vida.

A excursão acabou, e agora tem o seu lugar entre as cousas que passaram. Mas as suas scenas variadas e os multiplos incidentes hão de permanecer agradavelmente na nossa memoria, ainda por muitos annos. Sempre de levante, como andavamos, cuidando apenas no momento para colher relanços das maravilhas do meio mundo, não poderíamos esperar receber ou estar rividas impressões de tudo que tivemos a fortuna de vêr. Contudo, não foi debalde que fizemos a nossa digressão de recreio — porque sobre a confusão das vagas recordações se erguem alguns dos seus quadros mais apreciados, e hão de ainda continuar perfectos na côr e nos contornos depois de anagados os seus accessorios.

Ha de lembrar-nos alguma coisa a apraxível Franca, e tambem alguma coisa Paris, embora brilhasse sobre nós como um esplendido meteor, e desaparecesse, mal sabemos como ou onde. Ha de nos lembrar sempre como vimos a majestosa Gibraltar, opulenta com as cores do ponto na Hespanha, nadando n'um oceano de arco-iris. Veremos em espirito outra vez Milão, a a imponente cathedra com a sua selva de agulhas de marmore. E Padua — Verona — Como, adornadas do estrellas; e a palácio Veneta, boiando sobre as suas aguas stagnadas — silveiras, triste, alta — deslanhou do seu abatido estado — envolto em nas memorias das suas esmadas medidas, batalhas, triumphos e todo o cortejo de uma gloria que rason.

Não podemos esquecer Florença — Napolis — nem o antego do aeo que ha na atmosphera da Grecia — nem seguramente Athinas e os templos destruidos da Acrenole, Nem, de certo, a veneranda Roma — nem a verde canção que a cerca, contrastando em brilho com a decandencia — nem os arcos arruinados que se levantam a osmeos na planície, e o seu deserto em parte coberto por vinhas. Havemos de lembrarnos da igreja de



INTERIOR DE S. PEDRO.

S. Pedro; não como quem a vê, quando passeia pelas ruas de Roma, e imagina que todas as suas cupulas são semelhantes, mas sim a vê a leguas de distancia, quando todos os edificios mais pequenos se sumiram da vista, e só se enxerga ao longe o seu zimbório soberbo ao clarão do sol-poente, cheio de nobreza e de elegancia, fortemente contornado como uma montanha.

Ha de lembrar-nos Constantinopla e o Bosphoro — a magnificencia colossal de Balbec — as pyramides do Egypto — a figura prodigiosa, o aspecto benigno da sphynx — a oriental Smyrna — a sagrada Jerusalem, Damasco, a «Perola do Orientes», o orgulho da Syria, o

fabulado Jardim do Eden, o solar dos principes e dos genios das Mil e uma noites, a metropole mais antiga da terra, a unica cidade que em todo o mundo conservou a sua denominação, occupou o seu lugar, e se manteve serenamente, enquanto reinos e imperios do quatro mil annos se levantaram, gosaram o seu curto periodo do arrogancia e de pompas, e depois desapareceram e cahiram no esquecimento.

FIM

O GRANDE CAGLIOSTRO

Dentro em breve começará a *Illustração Portuguesa* a publicar este extraordinario trabalho de Carlos Malheiro Dias, escripto expressamente para esta revista. O brilhante actor do FILHO DAS HERVAS, da MARIA DO CEC e do TELLES D'ALBERGARIA conseguiu fazer uma verdadeira obra prima d'esse livro que tem por protagonista o José Balsamo, o heroe decantado de tantas scenas de magia e que atravessou o mundo como um aventureiro, fulminando ou amando, sendo querido ou detestado, usando nomes diversos, sempre nobres e celebres. A parte da sua vida que esteve em Portugal é pouco conhecida e foi sobre ella que o illustre romancista traçou o trabalho que deve agradar, como todas as outras obras do insigne escriptor.

E' pois um bello livro que deve ter um successo de leitura já pelas scenas magnificas n'elle desenroladas, já pela linguagem corrente e ao mesmo tempo elegante que o Malheiro Dias costuma empregar nos seus trabalhos.



COLONIAS PORTUGUEZA: BEIRA—ALFANDEGA



WALDECK-ROUSSEAU

Falleceu este grande estadista, que ainda ha bem pouco tempo se impunha á admiração universal na presidencia do gabinete francez. Homem energetic, todo accão e coragem, preparou o golpe que Combes acaba de dar na Esreja e que determinou a quebra das relações com Roma.

Nascera em 1846 a 2 de dezembro e fez o seu curso d'adogado entrando logo na politica, tendo sido nomeado em 1881 ministro do interior no gabinete Gambotta. Em 1883 teve a mesma pasta com o gabinete Ferry.

Sofria desde ha tempos d'uma grave enfermidade do fígado, á qual succumbiu no passado dia 10, pelas tres horas da tarde. A sua morte foi geralmente sentida e os elementos radicazes perderam em Waldeck-Rousseau um dos homens com quem mais podiam contar. A França inteira lamenta agora a morte d'um dos seus mais illustres politicos.



ALBANO DE JESUS

Avessa d'este desagrado que espantou a cidade com os seus saltos enormes, umas contorcções extranhas, atirando e saltando n'um cruz regresso a animadão inferior, avistou o sr. Dr. Arthur Hobbano, sab delgado de saúde, as Seculo uma carta na qual exp'lea a doença de que soffre o extracardiacio rapaz, dizendo o ataque de *lipotropia*, a forma nervosa que gerava os antigos lobis-homens.



O MINISTRO RUSSO PLEHVE

O ministro Plehve, que foi assassinado na Russia, compareceu a sua carreira por posições inferiores e chegou até ministro do interior, em virtude de uma grande dedicação pela causa do absolutismo. Tendo perseguido socialistas, nihilistas, anarchistas e silitamento judens, o ministro Plehve foi victima dos seus ideos n'um país como a Russia, onde, á repressão, os perseguidos respondem com violentos desforços.



EM CINTRA: O BALLY PAPER—O ASPECTO DO ALTO D'ARROTHEA

CHRONICA ELEGANTE

Na quadra actual, destinada quasi exclusivamente a virgens, excursões e villegiaturas de toda a especie, á perlovely não encontrar facilmente outro assumpto digno do ser falado, e esta vida no ar livre de que quasi todos vão gosando chama a attenção para a diversidade de distrações e jogos adequados.

Além dos que já mencionamos, ha ainda uma série d'ellos que pedem trajos originaes adoptados pelas meninas americanas, mas que ainda não se propozaram na velha Europa. Por exemplo, a jogadora de *foot-ball* veste a masculina, polainas de couro, calcão de couro, jaqueta igual ou *maillet* de *jersey*, bonnet de pala e mascara pendente d'esta para preservar o



FIGURA 2

esgrimistas, as alpinistas, todas emfim procuram escolher um vestuario commode e pratico, mas que apresente ao mesmo tempo uma certa elegancia e graciosidade.

O *costume* de caça tambem em rigor não deve levar saias debaixo do vestido. Usa-se a bota alta, ou com polaina de couro afivelada e o calcão curto de *jersey*, panno ou couro; o vestido sempre curto, lizo ou em pregas chatas *fax* se em panno, *laced* ou velludo d'algodão, *velveteen* ou *velours de chasseur*; as cores preferidas são: *feuille morte*, cor de terra, verde escuro ou escossez; blusa, jaqueta ou bolero, cinto de couro, Chapon redondo ou tyrolex de feltro, panno, linho ou seda crúa, com colre-nuca movel em seda ou linho.

Para caçadas a cavallo o feto usual d'amazona é adoptado, porém algumas *sportswomen* de elegancia mais *raffine* modificam-o um pouco. Usando a mesma saia, adoptam a casaca á Luiz XV de cor vistosa com gola, capote e bolsos de velludo enfeitado com galões e substituem o chapen alto, de couro, ou tyrolex pelo *tricorn* ou *marquis* de caça em feltro preto ou cinzento com galão apropriado ou cordão dourado enfiado á volta. Em Inglaterra algumas damas da alta nobreza arvoraram

o anno passado n'estas caçadas um *costume* sem duvida pratico, mas bastante excentrico. Montavam como os homens e o traje compunha-se de calcão preto com bota alta, collete branco com botões dourados, casaca vermelha de lousa azul e chapen de flocos brancos, preto.

Entre nós o em França quem não quer adoptar no campo o correcto vestuario do amazona em panno escuro adopta a moda americana: saia de panno com *chenille* leve, *canotier*, *marquis* ou Panamá de palha clara, trajos elegantes e simples que dão um ar todo de stugeleza e são d'uma excessiva comodidade.

FIG. 1—*Taillete* de panno em linho branco e azul amarelado de linho bordado e *goupure* grossa Chapen de palha arredado.

FIG. 2—*Coquette* de seda crúa com pala de couro claro e vou de gaze creme, para automobilista.

FIG. 3—Trajo de caça em *laced* verde escuro enfeitado de *tassor* *écra*. Camisinha de *tassor*; chapen de *tassor* *écra* com galão de seda verde. Polainas de couro claro.



FIGURA 3